



Formação Continuada de Professores: uma ênfase cultural

A Educação Prática em “Sobre a Pedagogia” - Immanuel Kant

Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira

Nesta parte do livro, Kant expõe que a educação prática é composta por 3 dimensões:

- a) a habilidade;
- b) a prudência;
- c) a moralidade.

Como são 3 aspectos bastante importantes, vamos apresentar cada um deles, conforme entendidos pelo autor.

❖ *Habilidade*

Verifica-se que Kant não fala da habilidade manual, mas da habilidade do pensar e, para isto, entende que esta deve ser sólida e bem fundamentada. Deve ser traduzida em ação e tornar-se, pouco a pouco, um hábito. Kant aqui refere-se à condição de execução. Afirma que esta “habilidade” é o elemento essencial do caráter de um homem.

❖ *Prudência*

O princípio da Prudência é o princípio da ação, especificamente ligado aos meios, os quais se encontram ligados ao amor a si e à felicidade própria. Para Kant, a razão sozinha produz seus objetivos independentemente das condições limitantes da natureza humana. Aqui, o termo prudência é sinônimo de pragmático, refere-se ao talento e à habilidade que um ser humano tem de usar o outro em vista de seus propósitos, mas também se relaciona à capacidade de estabelecer seus próprios fins e agir de acordo com eles em direção ao seu

aperfeiçoamento. Devemos lembrar que o ato prático e o moral em Kant são possíveis por meio da liberdade, conforme já trabalhamos nos textos anteriores. Deste modo, a prudência de que fala Kant é a conduta de adequar o comportamento do homem consigo mesmo, com os outros homens e com as coisas do mundo. A prudência tem relação com a conduta moral.

❖ *Moralidade*

Esta dimensão é a questão essencial de Kant. Todo seu trabalho pedagógico gira em torno da moralidade. Ela diz respeito ao caráter que é uma condição adquirida pelo domínio dos sentimentos e das tendências. O homem não deve deixar que estes o domine, o guie sem nenhuma restrição. A restrição é feita pela compreensão racional da necessidade de agir moralmente. Caráter consiste na resolução firme e justa e no empreendimento do que se decidiu. Kant exemplifica que o Homem que toma uma decisão e não a cumpre, faz um mal a si, pois acaba perdendo a autoconfiança. Além da perda de confiança em si, Kant diz que pouco se pode esperar de quem adia sempre o cumprimento dos seus propósitos. Com isso, apresenta alguns passos para ser fortalecido o caráter das crianças.

A primeira coisa a se fazer é ensinar as crianças, por meio de exemplos e com regras, os deveres a cumprir, os quais são os que estas têm em relação a si mesmas e aos demais. Kant explica quais são:

- *Deveres para consigo mesmas:* Significa não satisfazer apenas seus desejos e inclinações, mas ser comedidas e sóbrias, conservando a dignidade da natureza humana, isto é, não se entregar aos vícios e à intemperança, que é a falta de moderação, de não ter autocontrole sobre os atos e ações. É necessário fazer a criança perceber a dignidade humana em sua própria pessoa, como por exemplo, fazendo-a verificar que quando mente, se coloca abaixo da dignidade humana, pois “a mentira torna o homem um ser digno do desprezo geral e é um meio de tirar a estima e credibilidade que cada um deve a si mesma” (p. 96). Kant afirma que não se deve mentir, nem por necessidade. Não se pode conceber um único caso em que a mentira seja justificável.
- *Deveres para com os demais:* Para Kant, devemos fazer com que as crianças aprendam desde cedo a respeitar os direitos humanos e a colocá-los em prática. Acredita que as condutas devem ter referências, as quais

são para a vida toda. Defende que não se deve permitir que uma criança humilhe a outra e também enfatiza que, para ensinar a conduta moral, nenhuma criança deve ser humilhada na frente de outras, fazendo com isso, com que não se estime. Indica que não se deve usar frases que possam humilhar a criança como: “Vede como esta ou aquela criança se comporta bem?” (p. 100). Isto pode provocar nela sentimento de frustração. Ensina ainda que não se deve permitir que uma criança se sinta mais importante por ter nascido em condições mais favoráveis financeiramente que outras. Kant diz que é prejudicial ao indivíduo se estimar por meio do valor que o outro tem dele, e não pelo valor de seu próprio julgamento.

Aponta que os anseios humanos (chamados por ele de apetites), são de três espécies: formais, materiais e o anseio da duração destas duas coisas. Os *formais* são relativos ao poder e à liberdade. Como exemplo cita: “a ambição das honras, do poder e das riquezas”(p.101). Os *materiais* são relativos a objetos que trazem satisfação como a volúpia, o bem-estar material e social, os entretenimentos. Como exemplos da terceira espécie de anseios estão as condições que proporcionam despreocupações com o futuro.

Kant indaga se o homem é moralmente bom ou mau por natureza? Responde dizendo que não é bom nem mau, pois não é um ser moral por natureza. Afirma que o homem “torna-se moral apenas quando eleva a sua razão até os conceitos do dever e da lei” (p. 102). Afirma ainda, que o homem traz em si tendências originais para todos os vícios e que suas inclinações e instintos podem impulsioná-lo para um ou outro lado. Só sua razão o coloca no caminho certo e poderá se tornar moralmente bom graças ao desenvolvimento da virtude.

Kant aponta a importância das virtudes e diz que estas são de três classes: de puro mérito; de estrita obrigação; de inocência. As de puro mérito compreendem “a magnanimidade (que consiste no conter-se, seja na cólera, seja no amor da comodidade e das riquezas), a beneficência e o domínio de si mesmo” (p.94). As de segunda classe consistem na lealdade, na decência e na pacificidade. As de terceira, são a honradez, a modéstia e a temperança.

Quanto aos vícios, diz que a maior parte deles derivam do estado de barbárie e são os da malignidade, isto é, da baixaza, da estreiteza de ânimo que

se explicitam como inveja, ingratidão, alegria pela desgraça alheia, da infidelidade, da dureza de coração, da avareza e da preguiça.

No que diz respeito à educação religiosa das crianças, questiona se é possível lhes inculcar, desde cedo, os conceitos religiosos. Entende que esta é uma questão pedagógica muito discutida e que a criança, por ainda não se conhecer e não conhecer ao mundo, pode não compreender o temor do poder de Deus. Assim, nas questões religiosas é importante que as crianças percebam que tudo na natureza se refere a Deus e que a melhor forma da criança adquirir um conceito de Deus, poderia ser a de analogia com a figura de um pai. Mais enfaticamente questiona em quê, de fato, consiste a religião. Respondendo diz que é uma moral aplicada ao conhecimento de Deus. Para ele,

Os Cânticos, as preces, o frequentar a igreja, tudo isto deve servir unicamente para dar aos homens novas forças e nova coragem para se tornarem melhores; ou ser expressão de um coração animado pela representação do dever. Tudo isto é preparação para as boas obras, mas não é boa obra em si. Não podemos agradar ao Ser Supremo, a não ser tornando-nos melhores (p. 98).

Com essa forma de entender as leis religiosas, elas aparecem como lei natural e não como uma arbitrariedade, tornando-se a religião, uma moral. Quando a religião não vem acompanhada pela consciência moral, não adquire eficácia e se torna um culto supersticioso. A lei a que nos submetemos se tornam consciência e referência para nossas ações.

Quanto ao sexo, Kant diz que na idade de 13 ou 14 anos se desenvolve nos adolescentes a tendência ao sexo e que estes já estão em condições de ouvir sobre tema como: a atração pelo outro sexo, o casamento, a constituição da família, a propagação da espécie e a não buscar unicamente os prazeres. Assim, eles se tornam homens e bons cidadãos, pois vão constituir família quando tiverem condições de sustentá-la.

Por fim, Kant traz considerações quanto ao agir dos jovens e a levá-los a tornarem-se membro da sociedade. Em suas palavras:

Deve-se orientar o jovem à humanidade no trato com os outros, aos sentimentos cosmopolitas. Em nossa alma há qualquer coisa que chamamos de interesse: 1) por nós próprios; 2) por aqueles que conosco cresceram e, por fim, 3) pelo bem universal. É preciso fazer os jovens conhecerem este interesse para que eles possam por ele se animar. Eles devem alegrar-se pelo bem geral mesmo que não seja vantajoso para a pátria, ou para si mesmos (p. 106).